

AUTOMAÇÃO E O FUTURO DO TRABALHO

BENANAV, Aaron. Tradução de Renata Falavina. São Paulo: Boitempo, 2025, 274p.

Recebido em 20/10/2025

Aprovado em 22/01/2026

DOI: 10.69585/2595-6892.2026.1343

A obra *Automação e o futuro do trabalho*, de Aaron Benanav, publicada originalmente em 2020, está disponível ao público brasileiro e lusófono por meio de uma cuidadosa edição da Editora Boitempo, com tradução de Renata Falavina, integrando, com destaque, mais um lançamento de fôlego da coleção “Mundo do Trabalho”, sob a coordenação de Ricardo Antunes. De forma geral, o livro se destaca por confrontar uma narrativa amplamente difundida na teoria social na qual as flutuações do desenvolvimento econômico, do emprego e da produtividade do trabalho parecem ter como único fator determinante a automação tecnológica. Tal noção fetichizada da tecnologia é refutada por Benanav ao propor uma interpretação mais ampla que abandona o teorismo por meio de uma minuciosa análise de evidências empíricas, e desmonta de forma qualificada esse discurso, reorientando o foco da análise para as transformações fundamentais do capitalismo.

A estrutura formal da obra é composta por seis capítulos, além de um posfácio e seções auxiliares. A edição brasileira da obra conta com dois elementos analíticos adicionais que não estão presentes na publicação estadunidense: (a) uma apresentação, escrita por Murillo van der Laan, que situa a obra como uma resposta à miséria estrutural do trabalho precarizado e à insuficiência das soluções tecnocráticas diante do esgotamento do modelo capitalista vigente; e (b) o prefácio inédito escrito por Benanav no qual o autor atualiza o debate à luz dos avanços recentes na inteligência artificial generativa, demonstrando como a nova onda de

VINÍCIUS DE
OLIVEIRA
SANTOS

Pesquisador de Pós-Doutorado
em Sociologia na Unicamp

Email: vinicius.oliv.san@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0630-4406>

otimismo tecnológico retoma, em essência, as mesmas promessas e temores do passado, repetindo o discurso da automação com roupagem contemporânea. O autor questiona as estimativas alarmistas sobre a substituição massiva de empregos e demonstra que as transformações no mundo do trabalho estão mais relacionadas à reorganização da força de trabalho do que à eliminação da demanda por trabalho vivo.

O ponto de partida analítico da discussão do livro é a elaboração da crítica ao chamado discurso da automação, responsável por consolidar um imaginário no qual a automação tecnológica levaria necessariamente a uma catastrófica substituição de trabalhadores, à obsolescência de diversas ocupações e à estagnação dos salários. Benanav polemiza com autores como Erik Brynjolfsson, Andrew McAfee, Martin Ford, Nick Srnicek e Alex Williams, que, embora com abordagens distintas, compartilham a hipótese da diminuição da demanda por trabalho vivo no capitalismo contemporâneo. O autor evidencia, se valendo de uma ampla análise de dados, como essas projeções desconsideram aspectos centrais da estrutura do trabalho real. Em suma, Benanav expõe que a evidente baixa na demanda por trabalho em setores automatizados se reflete também no aumento do subemprego em outros ramos, demonstrando que o capital não pode se eximir de absorver trabalho vivo.

O argumento de Benanav se torna ainda mais consistente em sua análise sobre a chamada desindustrialização do trabalho, entendida como o declínio da participação da indústria no emprego global. Com base em análise empírica de séries históricas, o autor mostra como as economias centrais e, posteriormente, também as periféricas, experimentaram um processo generalizado de desindustrialização. Esse fenômeno, segundo ele, não se deve à automação, mas à sobrecapacidade instalada na indústria mundial, resultante da saturação dos mercados, da intensificação da concorrência global e da queda da taxa de investimento produtivo. A estagnação do setor industrial em escala global tem como consequência a migração de força de trabalho para o setor de serviços, que, por suas características, possui menor capacidade de absorção de mão de obra, menor produtividade e elevada

informalidade. Com isso, não apenas o desemprego cresce, mas também o subemprego, a informalidade e as formas precárias de inserção laboral, que levam ao que o autor nomeia de estagnação pós-industrial.

A discussão proposta por Benanav guarda imensa relevância e originalidade ao transcender a explicação da desindustrialização da manufatura como consequência única da automação. O autor sustenta que, desde a década de 1970, o sistema capitalista tem enfrentado um processo persistente de desaceleração do crescimento, marcado por um quadro de sobrecapacidade produtiva global, ou seja, a existência de um excesso de células produtivas em relação à capacidade real de absorção de mercadorias pelos mercados. Um dos elementos centrais dessa análise – onde reside uma das teses mais inovadoras do livro – é o papel limitado do setor de serviços como substituto à dinâmica de crescimento anteriormente sustentada pela indústria fabril. Benanav demonstra que, embora o setor de serviços tenha se tornado o principal absorvedor de força de trabalho, ele é estruturalmente distinto em termos de produtividade e capacidade de expansão. Ao contrário da indústria fabril, que apresenta ganhos de escala, padronização e possibilidade de automação mais direta, o setor de serviços caracteriza-se por tarefas que são, em grande parte, intensivas em trabalho, de baixa produtividade média e de difícil mecanização. A estagnação global não pode, portanto, ser explicada unicamente pelo excesso de automação, mas sim por um modelo produtivo exaurido, cujos setores dinâmicos perderam tração e foram substituídos por formas de ocupação com menor potencial produtivo.

Valendo-se de uma rigorosa análise de dados, Benanav reforça sua tese central ao argumentar que o problema fundamental do mundo do trabalho contemporâneo não reside na substituição do trabalho humano pelas máquinas, mas sim na baixa demanda estrutural por força de trabalho. Ele demonstra que o crescimento do emprego, mesmo durante períodos de expansão econômica, tem sido insuficiente para absorver a mão de obra disponível, o que resulta em altos níveis de desemprego e subemprego. Logo, ao contrário do que sugerem as narrativas apocalípticas sobre automação,

o capital não está expulsando força de trabalho porque estão adotando tecnologias de automação, mas sim porque as economias não estão crescendo o suficiente para criar novos postos de trabalho estável.

Mediante um cenário de constrangimento da produtividade global do capitalismo, a obra também oferece um interessante diálogo com as principais propostas apresentadas por diferentes correntes para enfrentar a crise de excedente global de trabalho. A ideia de estimular o crescimento por meio da ampliação da demanda, segundo o autor, esbarra na realidade de uma economia que não consegue mais se expandir no nível do pós-segunda guerra. A consequência é a crescente dificuldade de absorção de força de trabalho, independentemente do volume de recursos injetados pelos Estados. Benanav dedica atenção especial à proposta de renda básica universal (RBU), amplamente defendida tanto por setores da esquerda quanto da direita. Embora reconheça os potenciais benefícios distributivos da RBU, Benanav argumenta que ela não altera os problemas fundamentais do capitalismo contemporâneo. A transferência direta de renda poderia aliviar a pobreza, mas, em um cenário de estagnação estrutural, seus efeitos seriam meramente paliativos, não resolvendo os problemas fundamentais ligados à escassez de empregos de qualidade, à estagnação e à forma de organização do sistema produtivo.

A análise crítica das condições reais não impediu que Automação e o futuro do trabalho abordasse a necessidade de vislumbrar um horizonte emancipatório. Benanav resgata debates socialistas e comunistas que, desde o século XIX, conceberam a emancipação humana como resultado da reorganização verdadeiramente democrática da produção. Em lugar de uma automatização total, que libertaria os seres humanos por meio da eliminação do trabalho, o autor propõe uma redistribuição do tempo de trabalho, com redução da jornada, ampliação do tempo livre, planejamento orientado às necessidades sociais com total aproveitamento da força de trabalho que hoje em dia compõe a superpopulação relativa. Retomando Marx, Kropotkin e Cabet, destaca que a liberdade verdadeira só pode ser alcançada para além das medidas redistributivas, tendo como cerne a reorganização das formas de produção social.

O núcleo político da argumentação de Benanav sustenta que apenas a ação coletiva organizada tem potencial para conduzir a sociedade a um futuro pós-escassez. Recusando as promessas tecnocráticas e a confiança excessiva na automação como força transformadora autônoma, o autor reafirma que transformações sociais emancipadoras exigem lutas concretas, mesmo que estas, no presente, enfrentem enormes dificuldades diante da ofensiva neoliberal. Há uma emergência de novas formas de mobilização social após a crise de 2008, marcadas por greves, ocupações e protestos de alcance global. Essas ações, embora ainda frágeis frente ao poder do capital, evidenciam uma ampliação dos horizontes políticos, indicando uma disposição coletiva para enfrentar as condições de crescente desigualdade. Benanav destaca que os movimentos sociais contemporâneos, ainda que não disponham da mesma conexão produtiva dos antigos operários industriais, podem desenvolver novas formas de ação adaptadas a uma economia marcada pela fragmentação e pela precarização do trabalho. Apesar das inúmeras dificuldades enfrentadas por essas lutas — com destaque para a dificuldade de articular a reprodução social à reorganização da produção —, o autor reafirma a necessidade de que elas avancem rumo a um projeto capaz de disputar a tarefa histórica de conquistar as infraestruturas da produção.

A obra se destaca por uma escrita clara, rigorosa e fundamentada. Benanav alia domínio técnico dos dados a uma argumentação acessível, tornando o livro legível tanto para especialistas quanto para o público mais amplo interessado nos dilemas do trabalho e da economia contemporânea. A tradução brasileira cumpre o papel de preservar o tom didático e o conteúdo analítico da versão original. Em síntese, *Automação e o futuro do trabalho* é uma contribuição relevante e oportuna para os estudos críticos do trabalho. Ao rejeitar explicações simplistas, Aaron Benanav oferece uma análise complexa, empírica e teoricamente consistente sobre a crise do emprego, recolocando o debate sobre tecnologia, produtividade e desigualdade em seu devido lugar: nas estruturas do capitalismo global.